

Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 307 • vol. 18 • 2020



História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança

Patrik Bruno Furquim dos Santos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS

Cadernos **IHU***ideias*

História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança

Patrik Bruno Furquim dos Santos

Licenciado em Filosofia pela PUC-Campinas e pesquisador no
grupo de pesquisa Literatura, Teologia e Religião - LERTE na PUC-SP

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 307 • vol. 18 • 2020



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVIII – Nº 307 – V. 18 – 2020

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marlene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Fragmento da pintura "Bottega di San Giuseppe falegname con Maria Vergine e Gesù Bambino" de Modesto Faustini

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v. Quinzenal (durante o ano letivo). Publicado também on-line: < http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias >. Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013). ISSN 1679-0316 1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.
CDU 316 1 32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

HISTÓRIA DE JOSÉ, O CARPINTEIRO, COMO NARRATIVIDADE DE ESPERANÇA

Patrik Bruno Furquim dos Santos

Licenciado em Filosofia pela PUC-Campinas e pesquisador no
grupo de pesquisa Literatura, Teologia e Religião - LERTE na PUC-SP.

Introdução

São José, sem dúvida, é um dos santos mais queridos, porém é também um santo desconhecido. Por ser um personagem secundário, é lembrado sempre como pai adotivo de Jesus, o justo, o carpinteiro. E, especificamente fazendo relação com o texto apócrifo a ser estudado – “História de José, o carpinteiro” –, é padroeiro da boa morte, pois como aponta o texto, morreu na presença de Jesus e Maria. É um personagem que dificilmente fala, porém age, e suas atitudes demonstram um total abandono em Deus.

A característica de ser justo em José é a que mais chama a atenção. Ser justo é ser possuidor de todas as virtudes. Tal justiça também está ligada, como afirma Grenzer, “em receber Maria como esposa e Jesus como filho”¹. São Gaspar Bertoni², além de destacar a característica de justo, enfatiza São José como Esposo de Maria:

Um mesmo coração, uma mesma alma, com o coração e a alma que geraram o coração e a alma do Filho de Deus. Esposo de Maria, que

1 GRENZER, Matthias. *Novena Bíblica a São José*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 6.

2 Fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo (Estigmatinos).

é como dizer em tudo e por tudo semelhante à Esposa: no coração, no comportamento, nos costumes, na santidade e nas virtudes.³

O presente texto tem como objetivo analisar o apócrifo “História de José, o carpinteiro”, no qual José não é apenas um personagem secundário, mas o principal, e observar qual era sua relação com Jesus. O apócrifo é uma narrativa de Jesus dirigida aos seus discípulos no Monte das Oliveiras, sendo ele o mais rico em detalhes sobre o pai adotivo de Jesus.

Na narrativa, entre os capítulos 21-26, encontra-se o ápice da ação salvadora de Jesus. Tal ação carrega uma mensagem de esperança para a humanidade, pois mostra Jesus vencendo o mal, tendo poder sobre a morte e cuidando daqueles que ama.

APÓCRIFOS

O conceito do termo apócrifo deriva do grego e significa textos escondidos ou secretos, embora não haja uma conformidade quanto ao termo. De acordo com Mauro Negro, “A igreja Católica, na sua Teologia e no Magistério, chama de apócrifo o livro que não está no cânon Católico, apontado pelo Concílio de Trento”⁴.

Os textos apócrifos já gozaram de tais prestígios, principalmente os evangelhos apócrifos, pois antes de a Igreja definir os quatro Evangelhos canônicos, cada comunidade tinha para si e considerava seu texto autêntico e inspirado pelo Espírito Santo. De acordo Philipp Vielhauer:

A canonização dos quatro evangelhos teve graves consequências para os outros. Em primeiro lugar, na Igreja (a Igreja “ortodoxa”) a produção do evangelho era proibida, e a literatura evangélica agora chamada de apócrifo não era apenas excluída do culto litúrgico, mas também, gradualmente, do uso privado.⁵

Observa-se ainda na patrística, com Eusébio de Cesareia, em sua obra magna História Eclesiástica, citações de alguns. Também, a Igreja usa de informações dos textos apócrifos para estudos ou devoções, como

3 SÃO GASPAR BERTONI. Gramática de São Gaspar. Goiânia: UCG, 2005, p. 401.

4 NEGRO, Mauro. São José nos apócrifos. In: 6º Congresso Teológico Pastoral de São José.

5 VIELHAUER, Philipp. Historia de la literatura cristiana primitiva. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 639. Texto no original “La canonización de los cuatro evangelios tuvo graves consecuencias para los otros. En primer lugar, en el ámbito de la Iglesia (la iglesia “ortodoxa”) se prohibió la producción de evangelio, y la literatura evangélica ahora denominada apócrifa no sólo quedó excluída del culto litúrgico, sino también, gradualmente, del uso privado”.

nos mostra a devoção a São Joaquim e Santa Ana, pais de Nossa Senhora⁶, e a devoção a Nossa Senhora do Desterro⁷.

Talvez alguém pense, ou é influenciado pelas mídias, que os textos apócrifos sejam livros que criam um certo desconforto, pois contêm here-sias e, como cristão, deve-se afastá-los ao máximo. Mas, diz Eric Junod, “São livros engraçados, divertidos, mesmo que um pouco antiquados”⁸. Alguns textos apócrifos ajudam a preencher determinadas lacunas deixadas pelas Sagradas Escrituras, podem ser aproveitados para conhecer mais a fundo o cristianismo primitivo e também, por que não, um “outro cristianismo, uma face alternativa”⁹. Os textos ainda podem reforçar os argumentos de alguns dogmas da Igreja, especialmente os relacionados a Jesus e à Virgem Maria.

O TEXTO APÓCRIFO “JOSÉ, O CARPINTEIRO”

O texto apócrifo “História de José, o carpinteiro”, sem dúvida, é o texto mais rico de informação sobre o pai, segundo a carne, de Jesus. Tem relação com o apócrifo Protoevangelho de Tiago¹⁰, escrito entre os séculos II e V. O texto é uma fala de Jesus aos seus discípulos no Monte das Oliveiras.

O personagem José nos textos canônicos é um homem obediente a Deus, pois o que Ele pede, José cumpre, tornando a imagem deste um tanto “seca”. Mauro Negro dirá que “os verbos usados nas ações que são pedidas a José são verbos de ação, expressam decisão do personagem. [...] José é difícil de ser entendido, pois ele tem firmeza no que faz, como Maria”¹¹.

Diferentemente nos apócrifos, em que a figura de José se mostra mais humana, especificamente no texto “José, o carpinteiro”, pois é um José que sente medo, pede perdão, chora, lamenta, ou seja, apresenta-se nas categorias humanas, e não como um “robô” cumpridor de ordens.

A finalidade do texto, aponta Luigi Moraldi:

6 Os nomes dos avós de Jesus aparecem no apócrifo Protoevangelho de Tiago.

7 Devoção com base no Apócrifo do Evangelho Árabe da infância de Jesus.

8 JUNOD, Eric. Os mistérios apócrifos ou as riquezas ocultas de uma literatura desconhecida. In: KÄSTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (orgs). O mistério apócrifo. São Paulo: Loyola, 2012, p. 13.

9 Cf. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Apocrifidade: Os apócrifos cristãos no estudo do cristianismo primitivo. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org). Apocrifidade: O cristianismo para além do cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 15-37.

10 Algumas passagens se encontram em 3,1; 4,2; 5,2; 7,2.

11 NEGRO, Mauro. São José nos apócrifos. In: 6º Congresso Teológico Pastoral de São José.

[...] ultrapassa o escopo de edificação ou a intervenção propagandística sobre a vida, a personalidade e a veneração a São José. Com efeito, parece que o autor queria mostrar na situação de José a de todos os cristãos (e, nesse sentido, o acme está em 17,2 e 21,1), em polémica contra a derogabilidade da morte e a importância de vida terrestre longa, e contra os exemplos de Henoc e Elias sublinha a necessidades da morte (cf. 30 2-3). O escrito é também uma veneração a José e cheio de genuína piedade para com Maria.¹²

Há algumas observações ou “alertas”, se poderia assim dizer, a serem feitas a respeito de tal texto, para que não sejam difundidas ideias errôneas a partir de uma leitura fundamentalista.

Em primeiro lugar, sobre o casamento dos Santos Esposos Maria e José. Quando José toma Maria como esposa, ele tinha 89 anos e Maria tinha apenas 14 anos de idade (2,6; 4,3-6,3). Trazendo para os dias atuais, esta leitura é perigosa, pois o texto aponta para o crime e a patologia de uma possível pedofilia, consentida ainda por Deus.

Em segundo lugar, a preexistência de Jesus, quando ele diz “E no décimo quarto ano de idade Eu, Jesus, Vossa Vida, vim habitar nela por meu próprio desejo” (5,1). Jesus não é preexistente, pois contém as duas naturezas, tanto a divina quanto a humana e, por ser humano, não pode ser preexistente. Quem é preexistente é o Filho, ou seja, a natureza divina, como aponta o prólogo de João 1,1, “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”.

Em terceiro lugar, o texto vai contra um dogma mariano da Igreja, embora tal dogma seja bem posterior ao texto, ou seja, o dogma da Assunção, quando Jesus diz a Maria “E mesmo tu hás de morrer como todos os outros homens” (18,6). Sendo que no Dogma da Assunção acredita-se que “No final de sua vida terrena, Maria alcançou, por meio da graça de Cristo, a consumação da totalidade de sua existência humana (= corpo e alma) e foi assumida na glória celeste de Deus” (DH 3903).

Em quarto lugar, de acordo com Valente:

[...] o Tiago aqui referido não pode ser o apóstolo Tiago, filho de Alfeu, nem o Tiago menor, filho de Maria de Cléofas, pois o Tiago indicado no apócrifo em pauta como irmão de Jesus é filho de São José, esposo de Maria, embora de um casamento anterior, e o mesmo ocorre com Judas, José e Simão, que segundo esta vertente não podem ser filhos de Alfeu nem de Cléofas, sejam estes a mesma pessoa ou não, eis que são filhos de José. Portanto são meios-irmãos afetivos de Jesus.¹³

12 MORALDI, Luigi. Evangelhos apócrifos. São Paulo: Paulus, 1999, p. 166.

13 VALENTE, Antonio Sérgio. A misteriosa família de Jesus. São Paulo: Fonte Editorial, 2017, p. 64.

Por fim, em quinto lugar, no capítulo 30, Jesus faz uma “propaganda” da devoção a José e, em sua fala, iguala a anunciação do Evangelho à devoção. Disse Jesus, “Quando fordes revestidos da mesma força, recebereis a voz do meu Pai, isto é, o Espírito Paráclito, e sereis enviado para pregar o evangelho, e também pregai meu querido pai, José” (30,3). Embora a vida dos santos seja algo a ser admirado, nada substitui ao anúncio e à vivência do Reino de Deus. Como diz Jesus na narrativa mateana, “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas as coisas serão acrescentadas” (6,33).

NARRATIVA

O termo narrativa significa história ou conto. História narrada de um emissor ou emissores a um receptor ou receptores, seja ela por via oral, seja de forma literária, isto é, escrita. A narrativa pode ser tanto ficcional quanto real. Narrar configura um ato de transpor um acontecimento temporal passado para um momento presente, como se a recapitulação invertesse a ordem linear do tempo, introduzindo a possibilidade de leitura do próprio tempo de forma retrospectiva¹⁴.

O receptor, entrando em contato com a narrativa, tem a possibilidade de imergir na narrativa e conhecer a si mesmo, pois a narrativa é contada de um ser humano a outro, de quem fez a experiência a quem já fez ou ainda não fez determinada experiência, mostrando que certa via é válida ou não.

A narrativa, dirá Kernal:

[...] possibilita a chamada experiência vicária, pois, ao entrarmos em contato com as experiências dos personagens, atravessamos fronteiras desconhecidas de nós mesmos. O outro, o estranho, o “estrangeiro” do livro deflagra o estranho, o “estrangeiro” em nós, e ao reconhecer a sua presença passamos a conhecer o que está velado em nós e constatamos que somos estrangeiros em um processo contínuo de autoconhecimento, processo que se prolonga até a morte.¹⁵

A narrativa contada por Jesus aos discípulos, sobre seu pai José, está situada no Monte das Oliveiras, local em que Cristo aceita sua Paixão e deverá passar pela morte de cruz, mas como se percebe nos anúncios da Paixão, há a característica de esperança de que Cristo ressuscitará. Como será visto na “História de José, o carpinteiro”, Jesus anuncia sua Paixão e ele tem poder sobre a morte, ou seja, quem segue a Cristo

14 VALENTINI, Renato Bulbarelli. Narratividade. In: XAVIER, Donizete José. Paul Ricoeur de A a Z. São Paulo: Fons Sapientia, 2019, p. 210.

15 KARNAL, Leandro. O dilema do porco espinho. São Paulo: Planeta, 2018, p. 60.

não deve ter medo da morte. A morte é um instante da vida, ela é necessária aos humanos, pois é a passagem da Igreja Militante para Igreja Triunfante, junto do Pai.

O APÓCRIFO DE “JOSÉ, O CARPINTEIRO”, COMO NARRATIVIDADE DE ESPERANÇA

Para início de conversa

Jesus tinha uma maneira diferenciada de se comunicar com as pessoas. Ele falava por meio de parábolas, situações que ele próprio viveu na vizinhança de Nazaré, ou seja, tudo era claro e simples coisas do cotidiano, nada de algo complexo. O anúncio do Reinado de Deus passava por meio dessas parábolas e não por discursos teológicos. Como dirá Pagola:

Jesus viveu numa destas humildes casas e captou até seus mínimos detalhes a vida de cada dia. Sabe qual o melhor lugar para colocar um candeeiro, de maneira que o interior da casa, de paredes escuras e não caiadas, fique iluminado e se possa ver. Viu mulheres varrendo o chão pedregoso com uma folha de palmeira para procurar alguma moeda perdida em algum canto. Sabe como é fácil penetrar em algumas destas casas abrindo um rombo para roubar as poucas coisas de valor guardadas em seu interior. Passou muitas horas no pátio de sua casa e conhece bem o que se vive nas famílias. Não há segredos para ninguém. Viu como sua mãe e as vizinhas saem para preparar o pão com um punhado de fermento. Observou-as enquanto remendam a roupa e reparou que não se pode pôr num vestido velho um remendo novo. Ouviu como as crianças pedem aos pais pão ou um ovo, sabendo que sempre receberão deles coisas boas. Conhece também os favores que os vizinhos sabem prestar uns aos outros. Algumas vezes pôde perceber como alguém se levanta de noite, depois de já fechada a porta de casa, para atender ao pedido do amigo.¹⁶

Não muito diferente, numa leitura literal, o apócrifo a “História de José, o carpinteiro”, não é uma parábola contada por Cristo, porém não deixa de ser algo vivenciado por ele, juntamente com sua família, e especificamente com seu pai José, segundo a carne.

No prólogo indica uma informação importante de José, no qual é pai de Jesus “segundo a carne”, ou seja, José é o homem que assume a paternidade de Cristo inserindo-o na genealogia salvífica. Como afirma Mauro Negro:

16 PAGOLA, José Antônio. Jesus. Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 63-64.

José é um personagem decisivo nos relatos da Origem de Jesus, segundo Mateus e Lucas; nos dois primeiros capítulos de ambos os textos José é chamado, em Mateus, de “Filho de Davi” (1,20). Antes mesmo, na genealogia de Jesus, ele foi indicado como parte final da longa série de ascendentes de Jesus, passando por Davi até Abraão. [...] Em Lucas José é o que sustenta a ação de Deus nas origens de Jesus. E como o “garante” do Evento Encarnação.¹⁷

No texto, logo no início (1,2), antes da história de José, Jesus anuncia novamente, como se dá a entender no texto, sua Paixão, “Bem sabeis o que tantas vezes vos repeti: é necessário que eu seja crucificado e que experimente a morte; que ressuscite de entre mortos”. A notícia da Paixão talvez gerasse um certo sentimento de desolação aos discípulos (cf. Mt 16, 20-22), embora sempre fosse dito que ele ressuscitaria. Portanto, como muitas vezes a Paixão era anunciada por parábolas, também (cf. Jo, 12,22) Jesus quis diferenciar seu discurso.

O texto continua o dito de Jesus indicando o fator narrativo. Jesus inicia dizendo, “Agora escutai, vou narrar-vos a vida de meu pai José, o bendito ancião carpinteiro” (1,9). A história da experiência de Jesus com José vai do capítulo 2 ao 30.

O apócrifo fala de mais algumas características de José que vale a pena ressaltar; com algumas delas dá para fazer um paralelo com os textos canônicos. Num primeiro momento, Jesus diz que José era carpinteiro, viúvo¹⁸, com seis filhos: quatro homens (Tiago, José, Simão e Judas) e duas mulheres (Lísia e Lídia); e, por fim, o texto apresenta José como um homem justo.

O texto segue então com momentos de Jesus, Maria e José, entre eles a aparição do anjo a José para confortá-lo; viagem a Belém; segunda aparição do anjo; retorno a Nazaré, o envelhecer de José; relatos sobre o futuro dos filhos de José; a aparição do anjo pela terceira vez anunciando a morte de José; Oração de José e também sua profissão de fé; resumo da vida de José; a morte de José que se dá no dia 26 do ano de Epep (26 de agosto); os 11 “ais” de José¹⁹; adoração de José a Jesus; citação de um menino curado por uma cobra; a dor de Maria e seus filhos; agonia, morte e enterro de José; diálogo de Jesus e seus discípulos.

O ápice da narrativa em que se encontra o fator da esperança, anunciada por Jesus Cristo, está nos capítulos 21 a 26 do texto. Neles encontramos a batalha de Jesus contra alguns demônios, contra a morte e, como foi dito, a propaganda da devoção a José.

17 NEGRO, Mauro. São José nos apócrifos. In: 6º Congresso Teológico Pastoral de São José.

18 O nome da ex-esposa de José não é citado.

19 Remete aqui semelhante aos “ais” do profeta Jó.

Jesus batalha contra o mal em favor de seu pai José

Jesus é por si o anunciador da esperança e quer a libertação de todo ser humano. O poder do mal não tem poder sobre si, mas pelo contrário, é ele quem tem poder sobre o mal, é ele quem expulsa os demônios, é ele que vence a morte em sua morte de cruz e ressuscita, três dias depois, como grande sinal da esperança para a humanidade, pois, como dirá Paulo, “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé” (cf. 1Cor 15,14).

No capítulo 21 da narrativa sobre José, a pessoa de Cristo começa a batalha contra a morte e contra o Diabo. Importante notar que a morte e o Diabo vêm de localizações diferentes. A morte vem do sul e o Diabo, juntamente de seus esbirros, vem de Amenti. Como podemos observar no texto, diz Jesus:

Pus-me a olhar para o sul e vi a morte dirigir-se à nossa casa. Vinha seguida de Amenti, que é seu satélite, e do Diabo, a quem acompanhava uma multidão de esbirros vestidos de fogo, cujas bocas vomitavam fumaça e enxofre (21,1).

Como dito, a personagem morte vem do sul. A localização sul, no sentido bíblico literal, pode ser sinal tanto bom quanto ruim. Ao sul de Israel encontra-se o deserto, região onde a vida não prospera (cf. Is 30, 6-7). Ao sul estava o Egito, que ousou enfrentar Deus e oprimiu seu povo eleito, porém Deus apareceu a Moisés e com ele foi até o Egito, libertou seu povo e depois apareceu no Monte Sinai (cf. Dt, 33,2).

Diferentemente da morte, o Diabo e seus esbirros vinham de Amenti. Aqui é importante notar para qual destinatário foi escrito o texto. Amenti era o nome que os egípcios davam ao templo onde as almas dos mortos eram reunidas depois da morte, para serem julgadas por Osíris, ou seja, o submundo, o lugar escondido.

Continuando o texto, Jesus diz “levantei-me rapidamente e expulsei o Diabo e todo seu cortejo. E eles fugiram envergonhados e confusos” (21,5-6), observando que Cristo enfrentou o Diabo e venceu, pois quem tem o poder de julgar as almas é apenas Cristo e não o Diabo. A morte, observando esta cena, se enche de pavor, fica com medo de Cristo e para de agir.

O capítulo 22 é marcado pela oração de Jesus Cristo a Deus, destacando aqui uma prece no meio, em que Jesus pede anjos em seu auxílio: “Envia-me um grande coro de anjos juntamente com Michael, o administrador dos bens, e com Gabriel, o bom mensageiro da luz, para que acompanhem a alma de meu pai José até que se tenha livrado do sétimo éon tenebroso” (22,1). Ou seja, os anjos irão cumprir a função de “levar” a alma de José até junto do Pai. O texto indica que, durante o caminho pela

alma, pode surgir raptoreiros para saqueá-la, e Jesus, por ter um carinho imenso por José, faz essa prece. Assim, José é privilegiado por ter, de certo modo, “seguranças” durante a sua jornada rumo ao Céu. Podemos observar isso no dito de Jesus:

Eu confiei a alma do meu querido pai José a Michael e Gabriel, para que a guardassem contra raptoreiros que saqueiam pelo caminho, e encarreguei os espíritos incorpóreos de continuarem cantando até que, finalmente, depositaram-no junto a meu Pai no céu (23,13).

O capítulo 23 tem como destaque, além do que foi citado, o poder de Cristo sobre a morte:

A morte, cheia de medo, não ousava lançar-se sobre o corpo de meu pai para separá-lo da alma, pois seu olhar havia dado comigo, que estava sentado à sua cabeceira com as mãos sobre as tēmporas. E, quando me apercebi de que a morte tinha medo de entrar por minha causa, levantei-me, dirigi meus passos até o lado de fora da porta e encontrei-a só e amedrontada, em atitude de espera. Eu disse-lhe: á tu, que vens do Meio-dia, entra rapidamente e cumpre o que ordenou-te meu Pai (cf. 23,5-7).

Seguindo o texto, no versículo 9, aparece o nome do personagem morte, que é denominado Abbadão. O termo vem do hebraico e significa “destruição” ou “destruidor”. No Antigo Testamento, o termo é encontrado seis vezes (cf. Jó 26,6; 28,22; 31,12; Sl 88,11; Pr 15,11; 27,20). A função da morte, ou como diz o texto, Abbadão, é de separar a alma de José de seu corpo terreno: “Então Abbadão entrou, tomou a alma de meu pai José e separou-a do corpo no mesmo instante em que o sol fazia sua aparição no horizonte, no dia 26 do mês de Epep, em paz (23,9). E depois, como já fora dito, os anjos Michael e Gabriel acompanharam a alma de José até junto do Pai.

Portanto, o personagem José, na narrativa, retrata a humanidade pecadora, pois no término de uma vida terrena tem medo de um “deus vingador” (cf. 17, 10-14), colocando-se indiscutivelmente sobre uma questão que o assusta: o que será depois? O céu? O inferno?

Jesus: Esperança da humanidade

Em Cristo Deus sofre, mas não apenas no momento da Paixão, sofre também no cotidiano com seus familiares. É neste sofrimento diário que Cristo mostra empatia pelos que sofrem e apresenta sua face misericórdia, mostrando, assim, que o Pai é um Deus de misericórdia.

No capítulo 24, Jesus consola sua mãe com a notícia de José, que está em paz, repousando nos céus:

Eu lhe disse: Efetivamente, morreu; mas sua morte não é morte, porém vida eterna. Grandes coisas esperam nosso querido pai José. Desde o momento em que sua alma saiu de seu corpo, desapareceu para ele toda espécie de dor. Ele se pôs a caminho do reino eterno, deixou atrás de si o peso da carne, com todo este mundo de dor e de preocupações, e se foi para o lugar de repouso que tem meu Pai nesses céus que nunca serão destruídos (cf. 24, 4-5).

Interessante notar que, embora nos evangelhos canônicos Jesus nunca tenha deixado claro o que é o Reino dos Céus, pois sua linguagem era falar em parábolas, nesta narrativa conclui-se que o céu é um lugar de repouso, sem dor nem preocupações, e que, além de ser eterno, jamais será destruído.

No capítulo 25, um dos mais curtos, Jesus mostra na sua atitude que o corpo de José é importante, ou seja, o corpo não é meramente um receptáculo da alma, ele merece um cuidado todo especial. Sendo assim, antes que amortilhassem seu corpo, ele mesmo, Jesus, faz uma ação de despedida.

Então despedi todos, derramei água sobre o corpo de meu pai José, ungi-o com bálsamo e dirigi ao meu Pai amado, que está nos céus, uma oração celestial que havia escrito com meus próprios dedos, antes de encarnar-me nas entranhas da Virgem Maria (25,2).

O capítulo 26 é marcado pela propagação da devoção a José que o próprio Jesus faz.

Aquele que se preocupar em levar uma oferenda ao teu santuário no dia de tua comemoração, eu o abençoarei com afluxos de dons celestiais. Assim mesmo, a todo aquele que der pão a um pobre em teu nome, não permitirei que se veja agoniado pela necessidade de quaisquer bens deste mundo durante todos os dias de sua vida. Conceder-te-ei que possas convidar ao banquete dos mil anos a todos aqueles que no dia de tua comemoração ponham um copo de vinho na mão de um forasteiro, de uma viúva ou de um órfão (cf. 26, 2-4).

Percebe-se que a devoção a José está estritamente ligada à opção pelos mais pobres. Compartilhar alimento com os que não têm o que comer é fazer o Reino de Deus acontecer no meio de nós. Neste sentido, a devoção a José, propagada por Jesus, é uma devoção em favor da vida. Como diz Castillo: Sentar-se à mesma mesa para comer com outras pessoas significa compartilhar a própria vida e solidarizar-se com os demais. Comer junto é compartilhar a mesma comida. É a comida que mantém a nossa vida e é fonte de vida.²⁰

20 CASTILLO, José M. O Reinado de Deus. São Paulo: Loyola, 2016, p. 23.

E, por fim, Jesus Cristo eleva o nome de seu pai José e promete abençoar, especificamente os pobres, com segurança aquele que honrar o nome de seu pai José. “E se acontecer que um pobre, não podendo fazer nada do que foi dito, ponha o nome de José em um de seus filhos em tua honra, farei com que naquela casa não entre a fome nem a peste, pois o teu nome habita ali de verdade” (26,6).

Os gemidos e os sofrimentos da criação foram a razão que levou Jesus a exprimir uma imensa compaixão ao ver a miséria das ovelhas sem pastor para levá-las às fontes de vida. Por que as ovelhas estão sofrendo e gemendo? Porque existe uma situação que Paulo chama de pecado. O mundo está sendo vítima do pecado. Este pecado consiste em impedir a vida, matar, dominar, sujeitar e explorar. A esperança tem por objetivo a destruição desse pecado e libertação de todos os seres humanos, uns porque são executores desse pecado e outros porque são vítimas.²¹

Respectivamente, tais capítulos da narrativa apontam em direção de que a esperança cristã tem que ser vivida diariamente como algo concreto dos cristãos. É através de ações movidas pelo Espírito Santo que se vive a esperança, sejam elas de cuidado, consolo, devoção ou luta contra as injustiças, tendo como foco o seguimento de Jesus Cristo, pois:

A cruz não é o final da história de Jesus, pois Deus o ressuscita. O sofrimento não é nossa destinação final: nós acreditamos no Deus da promessa; no Deus de nossos pais, que sempre se mostrou fiel ao longo da história humana; no Deus de Jesus Cristo, que nos salva por seu amor; no Deus da vida, que nos promete a vida eterna.²²

Portanto, é nessa esperança que o cristão deve acreditar e ser forte para enfrentar as labutas diárias. É pela ressurreição de Cristo que, num final aparentemente sem saída na cruz, ele mostra que a morte não tem poder e que a esperança se concretiza.

Considerações finais

A narrativa da “História de José, o carpinteiro”, dirigida aos seus discípulos e também aos leitores que têm a fé de Cristo e o seguem, evidencia que não se deve ter medo da morte nem do Diabo. Aqueles a quem o Pai convida, ou seja, os seus eleitos, o poder do mal não os pode tocar. Apesar da indiferença de alguns pelo projeto salvífico do Pai, toda a humanidade fora convidada por Ele.

21 COMBLIN, José. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 18-19.

22 MANZATTO, Antonio; PASSOS, João Décio; VILLAC, Sylvia. *De esperança em esperança*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 145.

A morte, um fator trabalhado no texto, deve ser ensinada e passada de geração em geração como um fato natural, sem medos. O ser humano deve viver bem, mirando o alto. Ratzinger em sua obra “O novo povo de Deus”, ao fazer um estudo sobre os textos de Agostinho, especificamente na passagem das irmãs Maria e Marta, dirá:

Maria estava ligada àquela unidade que lhe permitia contemplar as delícias do Senhor. Contudo, na noite que atravessa o nosso mundo, não podemos imitá-la. [...] O destino do cristão neste mundo é o destino de Marta, que serviu ao Senhor, pois ele ainda precisa do serviço dos homens.²³

Ou seja, embora com os sofrimentos, o cristão é convidado a servir Cristo, principalmente, Cristo presente no próximo e nos mais excluídos da sociedade, e, depois da experiência da morte, contemplar Deus.

Portanto, que o ser humano possa “viver a vida como ela é, com as tristezas e alegrias que a gente carrega no coração e com as dores e as festas que a vida nos reserva”²⁴. E, ainda, que cada cristão tenha a ousadia para manter viva a esperança de indagar-se diariamente, “O que nos espera do outro lado? Quando fechar os olhos, o que verei? Qual a face de Deus? E, finalmente, quem é este mistério?”²⁵

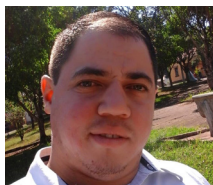
23 RATZINGER, Joseph. O novo povo de Deus. São Paulo: Molakai, 2019 p. 49.

24 MANZATTO, Antonio. Teologia e Literaturas 6. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p. 96.

25 EU maior. Direção de Fernando Schultz; Paulo Schultz. São Paulo: DoBem, 2013. 1 DVD (90 min.).

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. São José: a personificação do Pai. Campinas-SP: Versus Editora, 2005.
- CASTILLO, José M. O Reinado de Deus. São Paulo: Loyola, 2016.
- COMBLIN, José. Viver na esperança. São Paulo: Paulus, 2010.
- EU maior. Direção de Fernando Schultz; Paulo Schultz. São Paulo: DoBem, 2013. 1 DVD (90 min.)
- KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (orgs). O mistério apócrifo. São Paulo: Loyola, 2012.
- KARNAL, Leandro. O dilema do porco espinho. São Paulo: Planeta, 2018.
- MORALDI, Luigi. Evangelhos apócrifos. São Paulo: Paulus, 1999.
- GRENZER, Matthias. Novena Bíblica a São José. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MANZATTO, Antonio. Teologia e Literaturas 6. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- MANZATTO, Antonio; PASSOS, João Décio; VILLAC, Sylvia. De esperança em esperança. São Paulo: Paulus, 2011.
- MOLTMANN, Jurgen. No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007.
- NEGRO, Mauro. São José nos apócrifos. In: 6º Congresso Teológico Pastoral de São José.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org). Apocricidade: O cristianismo para além do cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- PROENÇA, Eduardo (org). Apócrifos e pseudo-epígrafes da Bíblia. vol. 1. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- PAGOLA, José Antônio. Jesus. Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2011.
- RATZINGER, Joseph. O novo povo de Deus. São Paulo: Molakai, 2019.
- SÃO GASPAR BERTONI. Gramática de São Gaspar. Goiânia: UCG, 2005.
- SELLA, Adriano. Por uma Igreja do Reino. São Paulo: Paulus, 2010.
- VALENTE, Antonio Sérgio. A misteriosa família de Jesus. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- VIELHAUER, Philipp. Historia de la literatura cristiana primitiva. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.
- XAVIER, Donizete José. Paul Ricoeur de A a Z. São Paulo: Fons Sapientia, 2019.



Patrik Bruno Furquim dos Santos. Religioso da Congregação dos Estigmatinos. Natural de Guarapuava-PR. Licenciado em Filosofia pela PUC-Campinas. Bacharelado de Teologia na PUC-SP. Pós-graduado em Biblioteconomia e gestão de bibliotecas públicas pela Faculdade Única. Pesquisador no grupo de pesquisa LERTE (Literatura, Teologia e Religião) na PUC-SP.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilip
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Gaciócia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Viências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatémica* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Cortêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Cande-do de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baito
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Solje-nitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schütz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a lei es como a serpente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Liberdade* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *A poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsumção do trabalho ao capital: rumo à subsumção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakoozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kamy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Ângela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da segurança social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Rôber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Edílicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* – Rosana Batista Almeida



UNISINOS